Ι.

No Luxemburgo, conservadores vencem legislativas, mas coligação governamental mantém maioria.

Socialista holandês Frans Timmermans anuncia candidatura para suceder a Jean-Claude Juncker à frente da presidência da Comissão Europeia.

Ainda no programa de hoje: União Europeia e província de Guangdong são parceiras este ano do Fórum Económico e Global de Turismo, que se realiza já para a semana em Macau. Hoje em análise as relações entre Bruxelas e Pequim.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa,

O CVS tornou-se de novo no partido mais votado nas eleições legislativas do Luxemburgo. O Partido Cristão-Social alcançou 28,31% dos votos.

O resultado obriga, no entanto, a pactos para formar governo.

Recorde-se que o actual executivo luxemburguês é sustentado por uma coligação do Partido Democrata, dos Verdes e dos Socialistas.

os Verdes são o partido que mais subiu nestas eleições: de 10,12% para 15,12%.

O Partido Democrata do primeiro-ministro Xavier Bettel manteve um resultado ligeiramente abaixo das últimas legislativas: 16,91%. Os socialistas liderados pelo ministro da Economia, Étienne Schneider, perderam apoios e baixaram de 20,28% para 17,60%.

+++

E connosco ao telefone está Victor Ângelo, consultor internacional e comentador residente do Magazine Europa, baseado em Bruxelas.

Victor, que primeira análise é que podemos fazer destes resultados?

A coligação que tem estado no governo, que está no governo há cinco anos, vai muito provavelmente continuar a governar. Na maioria dos casos, esta coligação tem sido bem aceite, quer internamente, quer externamente. O primeiro-ministro dá uma imagem de juventude, de abertura, de modernidade e eu penso que ele continuará a ser o primeiro-ministro, ou seja, que o Grão-Duque do Luxemburgo o irá convidar para formar governo. E o que é que se passou com o partido conservador, que apesar de ser o partido mais votado perdeu cerca de 5% dos votos. Onde é que se posicionaram estes eleitores?

O Luxemburgo é ao fim ao cabo um país muito de direita e muito conservador, mas é um país conservador moderado e, na realidade, o partido de Xavier Bettel, que é o actual primeiro-ministro, e a sua coligação ofereciam uma possibilidade de se votar ao centro-direita, ao mesmo tempo que mostravam que tinham obtido resultados nos últimos anos. Enquanto que o Partido Social-Cristão, que é mais de direita, embora também seja um partido relativamente moderado, mas é o partido mais de direita, é o partido a que pertence Jean-Claude Juncker, apareceu ao eleitor luxemburguês como um pouco um partido antiquado. E na realidade o que nós assistimos no Luxemburgo é ao aparecimento de uma nova geração de políticos, de políticos mais jovens, na casa dos 40 anos, 45, e que mostram, digamos assim, que a população do Luxemburgo quer, como outras populações europeias, uma renovação da sua elite política.

Quase metade da população no Luxemburgo é estrangeira – os luso luxemburgueses constituem cerca de 16% da população e não têm acesso às urnas. Em Junho de 2015, consultados por referendo, 78% dos eleitores rejeitaram a proposta do Governo de Xavier Bettel para garantir direito de voto aos estrangeiros. Como olhar para esta separação que se faz no país?

É preciso ter em conta que o Luxemburgo viveu e vive historicamente apertado entre a grande França e a grande Alemanha e, por isso, a questão da identidade nacional luxemburguesa, a questão da língua luxemburguesa – que é uma língua muito próxima do alemão, mas que é uma língua, apesar de tudo, diferente do alemão - estas questões da identidade e de língua são muito importantes. Sobretudo, não só por eles estarem entalados, digamos assim, entre dois grandes países, mas também pelo facto de que a população luxemburguesa é uma população pouco numerosa e, por isso, a questão de quem vota e de quem não vota, de quem tem direito a ir votar ou de quem não tem direito a ir votar é uma questão muito importante para os luxemburgueses. Ou seja, nós estamos perante uma situação muito curiosa, em que, por um lado, há uma forte defesa da identidade luxemburguesa e, por outro lado, há uma grande abertura à presença de estrangeiros. Na realidade, podemos dizer que, em cada duas pessoas que circulam diariamente no Luxemburgo, uma delas é estrangeira.

III.

Já voltamos a falar com Victor Ângelo.

E ainda na actualidade europeia: O socialista holandês Frans Timmermans anunciou que quer ser o candidato dos sociaisdemocratas à presidência da Comissão Europeia, nas eleições do próximo ano.

Entretanto, também os líderes da extrema-direita italiana e francesa aliaram-se para as eleições europeias. Mais com a jornalista Marta Melo.

Frans Timmermans, vice-presidente da Comissão Europeia desde 2014, espera ser o candidato escolhido pelo Partido Socialista Europeu para as eleições de Maio de 2019. Foi o que disse à imprensa na Holanda.

Do lado dos socialistas, está também na corrida até agora o comissário europeu da Energia, o eslovaco Maros Sefcovic.

Já pelo centro-direita, até ao momento, são candidatos à nomeação o alemão Manfred Weber, líder do grupo do Partido Popular Europeu no Parlamento Europeu, e o ex-primeiro-ministro finlandês, Alexander Stubb.

Entretanto, os líderes da extrema-direita italiana e francesa pediram "uma revolução" nas eleições europeias para fazer emergir uma "frente da liberdade" de partidos soberanistas.

Matteo Salvini e Marine Le Pen lançaram juntos em Roma a campanha eleitoral para as eleições europeias.

Os dois rejeitaram a ideia de uma lista eleitoral única de partidos "soberanistas", mas o ministro italiano propôs que esses partidos estejam unidos, após as eleições, para nomear "candidatos comuns para os papéis mais delicados" na União Europeia.

Os dois políticos defenderam uma Europa menos centralizada, com mais soberania para os países, com fronteiras defendidas para travar a imigração.

Salvini definiu como "inimigos" os "burocratas entrincheirados no bunker de Bruxelas", "os Juncker, os Moscovici, que trouxeram precariedade e medo à Europa e recusam abandonar a cadeira".

+++

Marta Melo aqui com a nova aliança de Marine Le Pen e Matteo Salvini.

Victor, começando por Frans Timmermans. Timmermans ou o grupo socialista têm alguma hipótese ou vai continuar a ser um político do centro-direita na liderança?

Frans Timmermans, embora não tenha grandes hipóteses de vir a ser eleito presidente da Comissão Europeia, porque provavelmente

os socialistas não irão ganhar as eleições. Aliás, as últimas eleições nos diferentes países europeus mostram que os socialistas continuam em queda, por isso eu dizia que, embora Timmermans não tenha hipótese de vir a ser o próximo presidente da Comissão Europeia, ele é um actor muito importante na Europa, é uma voz muito clara, uma voz muito forte e irá certamente desempenhar um papel importante na próxima Comissão Europeia e é isso sobretudo em que ele está a apostar, ou seja, ao manifestar o seu desejo de ser candidato à presidência da Comissão Europeia, ele está a lembrar a todos os partidos, inclusive ao seu, que ele é uma pessoa que se interessa fortemente pela União Europeia e que deve ser tida em conta nos próximos arranjos para efeitos ao nível político.

E o que dizer desta aliança entre Salvini e Le Pen?

É a aliança da extrema-direita, é a aliança dos populistas. Salvini neste momento aparece como o porta-voz e não só, a personificação de tudo o que é populismo na Europa. Não é a única voz, existe também a voz de Viktor Orbán, mas na realidade Salvini consegue ter mais aceitação na comunicação social e consegue passar melhor na comunicação social que Viktor Orbán, que é um político mais rígido, mais clássico, enquanto Salvini representa uma nova geração de populistas e uma nova geração de políticos, que são aqueles políticos que vão buscar ideias à esquerda e à direita. O que eles querem é ir buscar votos quer de um lado, quer do outro. E no caso de Salvini, ele neste momento está a apostar no declínio dos partidos sociais-democratas europeus e na realidade ele está a adoptar uma linguagem que procura atrair os europeus que tradicionalmente têm votado socialista. Por isso é que ele diz que não é apenas um discurso nacionalista, não é apenas um discurso anti-imigração, mas é também um discurso contra os bancos, contra os capitalistas, contra os milionários, ou seja, um discurso que, em certa medida, atrai o eleitor socialista.

Que hipóteses têm os populistas/nacionalistas no parlamento europeu?

A ideia deles é criar uma minoria de bloqueio, ou seja, tentar obter um número suficiente de deputados que lhes permita constituir um grupo político dentro do parlamento e que permita também evitar que determinadas decisões, que devam ser tomadas por exemplo por maioria qualificada, que essas decisões venham a ser tomadas porque eles não participarão nessa maioria qualificada. Ou seja, em maiorias em que 2/3 dos votos são necessários.

IV.

Ficamos então com uma análise aqui de Victor Ângelo à nova aliança entre Matteo Salvini e Marine Le Pen.

E em Macau realiza-se já para a semana o Fórum de Economia de Turismo Global. A União Europeia vai ser parceira do evento, como nos conta a jornalista Fátima Valente.

O Fórum de Economia de Turismo Global realiza-se nos dias 23 e 24 de Outubro. Vai debater "o impacto da cooperação estratégica de turismo China-União Europeia".

Esta sétima edição conta com mais de um milhar de participantes e reúne autoridades e líderes de empresas privadas de vários países. Este ano são parceiras do evento a União Europeia e a província de Guangdong.

Na apresentação do evento, a secretária-geral do Fórum de Economia e de Turismo Global, Pansy Ho, disse que "a China é o segundo maior mercado de visitantes internacionais da União Europeia". Também salientou que "com a cooperação de turismo China-UE a constituir uma forte aliança capaz de gerar oportunidades ilimitadas",

A Organização Mundial do Turismo e o Centro de Pesquisa de Economia de Turismo Global vai apresentar durante o "Relatório Sobre as Tendências do Turismo na Ásia".

Um documento que faz também uma análise ao potencial de desenvolvimento da área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, enquanto novo ponto de crescimento do turismo na Ásia.

+++

E no programa de dois dias vão ser organizadas sessões em colaboração com a Organização Mundial do Turismo e também um conjunto de debates.

E para falar aqui sobre as relações entre a China e a União Europeia, vamos ouvir Weiqing Song, professor da Universidade de Macau, responsável pela cátedra Jean Monet: "A União Europeia na Governação Global: com referência às relações com Macau e a Grande China".

Professor, ouvimos falar sobre a iniciativa da Grande Baía nesta peça que acabámos de ouvir. Queria falar de um outro projecto que é visto com algum cepticismo por parte de alguns países europeus: Uma Faixa, Uma Rota. Líderes acusam esta iniciativa de falta de transparência ou de beneficiar apenas as empresas chinesas. Como é que olha para estas preocupações?

Tenho-me apercebido destas preocupações por parte dos países ocidentais. Uma crítica recorrente é a chamada armadilha do endividamento criada pela China. Mas penso que nem a China nem o governo chinês tenham a intenção de criar problemas aos seus parceiros da iniciativa. Existem problemas, nomeadamente no que diz respeito à capacidade de governação ou transparência e primado da lei de certos países em desenvolvimento. Mas penso que esses problemas não são esperados do governo chinês, porque são obstáculos para a implementação da cooperação chinesa com estes países. Penso que há muito receio e desconfiança por parte dos países ocidentais em relação ao plano chinês.

[We just heard the journalist mentioning The Greater Bay Area Project. There is some concern about another Chinese initiative: One Belt, One Road. Some leaders have said this program is not transparent and benefit Chinese enterprises. How do you see these concerns? Actually I have noticed these concerns in the western countries. And a very popular criticism is the so-called debt trap created by China. But I dont think that China or the Chinese government has this intention to create problems for its partner in this One Belt, One Road project. (....) There are problems, I think that in many of the developing countries in terms if their governance capabilities and rule of law transparency. And I think these problems are not expected from Chinese government, because these problems serve as obstacles to implement Chinese cooperation with these countries (...) And i think there is a much suspicion and mistrust on the part of the western countries towards the Chinese project.]

E porque é que isso acontece?

Existem causas mais directas e pontuais, como a concorrência. Por exemplo, em África, eu diria, é uma esfera de influência muito tradicional dos países ocidentais, dos países europeus. Estes não estão felizes em ver os seus mercados tradicionais a enfrentar esta forte concorrência da China. Depois há causas mais profundas, que são difíceis de detectar, mas existem. E isto tem a ver também com as relações bilaterais entre as duas partes. Penso que tem muito a ver, por exemplo, com as diferenças: no sistema político, no modelo de desenvolvimento económico e até nas diferenças culturais e civilizacionais.

[Why is that? There are more direct and short term causes, which are in my view competition. For example, in Africa, which is very traditional, i should say, sphere of influence of Western countries, European countries. They are not happy to see that their traditional markets are facing very strong competition from China. And more deeper causes.. they are difficult to detect, but they are there. This lies also in bilateral relations between two sides. I think this has much to do, for example, with differences: differences in the

political system, economic development model and even cultural and civilization differences.]

Bruxelas, entretanto, avançou com um plano de infraestruturas. O investimento europeu na Ásia pode mais do que quadruplicar no próximo orçamento. Bruxelas quer aumentar a Rede Transeuropeia de Transportes que se estende pela Europa de Leste até à Ásia através de uma combinação ferroviária, marítima e por vias navegáveis internas. Observadores dizem que vai fazer forte concorrência ao plano "Uma Faixa, Uma Rota". Concorda?

Aqui a concorrência aparece num sentido positivo. Isto se acontecer de forma justa e em campo de igualdade. E devemos perceber por que razão a União Europeia toma a decisão de criar um programa, seguindo o modelo chinês "Uma Faixa, Uma Rota". Na minha opinião, este é um efeito secundário do plano chinês. Imaginemos que este modelo não existia, então a União Europeia não estaria motivada em ter este seu programa. Poderá haver alguns conflitos directos, é possível, mas isso é normal no mundo dos negócios. Além disso, pelo que sei, existe muita procura por investimento externo nos países em desenvolvimento e o contributo chinês está longe de ser suficiente. Por isso, nesse sentido a União Europeia está a juntar-se à China nesta onda de apoio à sua própria maneira.

Brussels has put forward an infrastructure plan for Asia. The EU's investment in Asia could increase up to fourfold in its next budget. Under the plan, the European Union wants to extend the Trans-European Network for Transport which stretches across Eastern Europe and the Caucasus region to Asia through a mix of rail, sea and inland waterways. A plan which observers said it would rival the Belt and Road plan. Do you agree? Here competition is raised in a positive sense. If it takes place at a fair, at a levelled playground. And we should realize why the EU this time takes initiative to run its own program following the China model of "One Belt, One Road". In my view, this is actually a side effect of China's Belt and Road project. Suppose if there was no such a One Belt, One Road initiated by China, than the EU would not be so motivated to run its own programs, (...) There might be some direct conflicts, it's possible, but this is normal in the business world. And also, to my knowledge, there is a huge demand for external investment in developing countries and China's contribution is far from enough, so the EU, in this sense, joins with China in this wave to support in its own way.]

Mudando de tema:

Numa recente avaliação à economia global, Fundo Monetário Internacional alertou para os riscos da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China. Alertou que esta poderá por trazer mais pobreza e fazer do mundo um lugar mais perigoso. O FMI baixou as previsões para o crescimento global este ano e no próximo. Começava por lhe perguntar: Como é que olha para esta avaliação? Isto tem a ver com um número de factores. Está principalmente relacionado com a política interna dos Estados Unidos, o crescimento do populismo. Está agora a produzir efeitos muito negativos no comércio entre a China e os Estados Unidos, mas também em geral na economia mundial. Na minha opinião, é um assunto alarmante e se o mundo não encontrar brevemente uma solução, assistiremos muito em breve a uma evolução muito negativa.

[International Monetary Fund has warned a trade war between the US and China risks making the world a poorer and more dangerous place in its latest assessment of the global economy. The IMF has lowered its forecast for global growth this year and next. How do you see the news? This has much to do with a number of factors. Most importantly, this is about the internal, domestic politics in the US, the rise of the populism. And now it's producing a very negative effect on trade relations between China and the US, but also generally in the world economy. (....) In my view, this is a very alarming issue, if the world cannot find a solution soon. we will see very negative trends.]

Espera-se algum impacto aqui em Macau?

Qualquer desenvolvimento no Interior da China terá um impacto imediato na região. Por isso, Macau vai ser negativamente afectado por esta guerra comercial entre a China e os Estados Unidos.

[**Is there any impact expected here in Macau?** Any development in the mainland will have its immediate impact on the region, so Macau will be negatively affected for sure by this China-US trade war.]

Que papel é que pode ter a União Europeia aqui nesta guerra comercial?

A União Europeia encontra-se numa encruzilhada, porque enfrenta um dilema muito difícil: que lugar tomar, juntar-se aos Estados Unidos e formar uma Frente Unida ou Coligação contra a China? Ou deve dar as mãos à China, o que é menos possível.

Ambos os lados são muito importantes para a União Europeia, para a economia europeia, já que são ambos dominantes parceiros económicos, no comércio e no investimento. Penso que não será sensato para a União Europeia escolher um lado. Trump é muito diferente do seu antecessor, baseia-se numa ideologia egoísta, não

é mais um parceiro de confiança. Por outro lado, também ainda há uma falta de confiança estratégica entre a China e a União Europeia. A União Europeia deveria ter uma aproximação mais independente. Deve, por um lado, cingir-se ao quadro multilateral existente na Organização Mundial do Comércio no que diz respeito aos assuntos do comércio. E não quero dizer que a China tenha feito um trabalho perfeito, existem problemas e fraquezas do lado chinês. Há ainda espaço para melhorias por parte da China. Em termos de comportamento económico, a China tem sido criticada, por exemplo, pelo difícil acesso ao mercado e também no que diz respeito à violação dos direitos de autor, entre outros. Mas não me parece que a União Europeia deva exercer pressão na China, tal como a administração Trump está a fazer.

[What role can the EU play in this trade war? The EU is currently at a crossroads, cause it is facing a very difficult dilemma: which side to take, to join the US and to form so-called United Front or coalition against China; or join hands with China, it is less likely. Both sides are very important to the EU, to the European economy, since both are dominant economic partners in trade in investment, so its really a difficult task for European policy makers to choose. I don't think it's wise for the EU to take sides (...). Trump's US, it is very different from its predecessor, it is based on very equistic ideology, so this not a trusted traditional partner anymore (...). But on the other hand, as I said, there is still a lack of strategic trust between the EU and China (...) In my view the UE could take a more independent approach. On the one hand should stick to the existing multilateral framework, centered around WTO on Trade Issues. And then I don't mean that China has done a perfect job, there are problems and weakness on the Chinese side, and there is still a big room for China to improve in terms of its economic behaviour, China has been criticised for example, as a lack of market access, and also cases of violation of intellectual property rights, etc. But i don't think it would work if EU just put pressure on China as the Trump administration is doing.]

V.

Ouvimos hoje aqui no Magazine Europa o professor Weiqing Song, da Universidade de Macau, especialista na União Europeia. Nós hoje ficamos por aqui, até para a semana.

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa

resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +. Estamos no Facebook em Magazine Europa.